

PELA POSSIBILIDADE DO ENCONTRO: A EXPRESSÃO NA ESCOLA. José Paulo da Rosa, Luíza Helena da Silva Christov, Carolina Martinelli, Raquel Varela. – Educação – Educação Artística – Departamento de Artes Cênicas, Educação e Fundamentos da Comunicação – Instituto de Artes – Campus São Paulo.

Trata-se de um estudo sobre prática de arte educação na Escola Municipal Brigadeiro Faria Lima na 4 série C para uma classe com 35 alunos.

Buscamos prioritariamente estabelecer um vínculo com as crianças, desenvolvendo e valorizando a expressão de cada aluno e propondo também atividades coletivas procurando uma integração mais profunda entre os vários participantes do grupo.

Além das referências teóricas, este trabalho baseia sua prática na experiência em educação pela arte desenvolvida pelo Grupo de Teatro Ventoforte desde 1979 no bairro do Itaim Bibi, na cidade de São Paulo.

O estudo procura responder e propiciar alternativas a uma realidade que não permite ao aluno uma forma prazerosa na relação com o conhecimento e ao seu próprio desenvolvimento integral na medida em que as condições estabelecidas na escola, espaciais, massivas, conceituais e, por estes mesmos motivos, naturalmente autoritárias, torna sofrida a experiência do aluno na escola pública.

Alfredo Bosi, no livro *Leitura de poesia* comenta o estudo do linguista Roman Jakobson sobre a motivação do signo verbal:

“A motivação é a janela pela qual a palavra respira fundo e se comunica com as energias da imaginação e do sentimento, tornando-se expressiva, ou com as formas do mundo, tornando-se representativa. A palavra motivada é *pathos*, a palavra motivada é *mimesis*”.

Se assim é para o fazer poético pensamos que o mesmo processo deve acontecer no momento em que a criança se depara com o aprendizado do idioma. Ela já se comunica em sua língua materna, conta histórias, brinca, e, pelo que podemos observar, gosta muitas vezes, quando o ambiente é propício, de narrar os momentos mais difíceis de sua existência.

Assim sendo, se conseguimos criar uma atmosfera afetiva e criativa, construindo condições para um trabalho interessante, que envolva a identidade, a história e o universo cultural de cada aluno, assim como seu grupo na sala de aula, é possível então levar adiante uma aventura expressiva que abarque não somente o idioma como instrumento de expressão, mas também as outras linguagens artísticas.

Desenvolvendo processos expressivos, iniciamos um trabalho com a palavra enquanto brinquedo e possibilidade de expressão do ser. Assim sendo, paulatinamente fomos propondo pequenos jogos dramáticos que buscam uma percepção para a identidade de cada um. Ao final de cada atividade é proposto ao participante uma imagem sobre a respectiva vivência que deve ser concretizada na forma de um desenho e nomeada em seguida.

Estes jogos procuram conter implicitamente a exploração de diversos recursos poéticos (como a metáfora, a sonoridade, a musicalidade e a visualidade) de forma a aproximar a percepção do idioma enquanto linguagem expressiva.

A partir da definição do filósofo Benedetto Croce – A poesia é um complexo de imagens animada por um sentimento – estimulamos as crianças a procurarem imagens relativas a cada trabalho proposto. Estas imagens eram concretizadas na forma de desenho, realizado com materiais diversos e sempre nomeados posteriormente.

Para o trabalho com os quatro elementos da natureza, além da experiência com o Grupo Ventoforte, acima citado, nos baseamos também nas idéias de Gaston Bachelard sobre as propriedades de certos símbolos para a deflagração de processos criativos:

“Bachelard acalenta a idéia de uma afinidade arcana entre a matéria... a sensibilidade humana, as fantasias oníricas e as imagens poéticas: o que é outra maneira de pensar as relações de contiguidade e de semelhança que unem o natural e o cultural”.

Temas como o desejo, a identidade, a história pessoal, o sonho, a comunicação verbal e gestual, foram elaborados a partir de símbolos (caminhos, o espelho, os elementos da natureza, a máscara, a tribo) dentro de atividades que buscam através da narrativa, da criação de histórias, do desenho e da nomeação do próprio trabalho, a expressão do indivíduo e do grupo.

Observamos que foi se consolidando uma relação afetiva entre o professor e os alunos mesclada pelo interesse crescente nas atividades desenvolvidas durante essa experiência na escola. Este movimento foi se configurando na idéia da formação de um bloco carnavalesco que utilizando resultados dos trabalhos elaborados durante o curso (canções, máscaras, bandeiras e histórias), pretende sair brincando e cantando pelo espaço da escola no final do ano escolar.

A idéia do bloco de carnaval foi surgindo gradativamente a partir das atividades que tinham como cenário os quatro elementos. Estes nos levaram a um passeio pelos mitos gregos e seus desdobramentos enquanto consequência para os mortais-“O respeito ao fogo, matriz da vida e agente da morte”-a caixa de pandora que traz todos os males do mundo mas também a esperança, a água, necessária e perigosa.

Acompanhando estas atividades, os desenhos foram sendo realizados e para um melhor desenvolvimento do trabalho dividimos a classe em tres grupos: grupo da água, do fogo e do ar. A participação do elemento terra ficou representado por toda a classe.

Surgiram então as bandeiras para cada grupo e após este trabalho sugerimos algumas canções para cada um dos blocos. Temas folclóricos e marchinhas de antigos carnavais foram sendo cantados e assimilados pelos alunos.

A partir da sugestão de alguns alunos compusemos então uma canção para representar toda a classe.

As análises preliminares obtidas através dos desenhos e trabalhos escritos pelos alunos indicam possíveis relações entre o desenvolvimento da linguagem simbólica e metafórica e o desenvolvimento da escrita.

Referências bibliográficas:

Fontes primárias:

1. Documentos sobre o trabalho em teatro e educação desenvolvidos por Ilo Krugli e o Grupo de Teatro Ventoforte.

Fontes secundárias.

Livros:

1. BOSI, Alfredo- O ser e o tempo na poesia. São Paulo, Cultrix, 1990.

2. BOSI, Alfredo- Leitura de poesia. São Paulo, Ática, 1996.

3. BACHELARD, G. “Instante poético e instante metafísico”. In: O direito de sonhar, trad. de José Américo Motta Pessanha, São Paulo, Difel, 1985.

4. READ, Herbert – “A educação pela Arte”. Martins Fontes, 1982.